TL4444

'UMA SOLUÇÃO PARA TIMOR-LESTE'

Kay Rala Xanana Gusmão
Presidente do Conselho Nacional da Resistência Timorense (CNRT)
9 Setembro 1998

Leitura realizada por Virgílio Guterres da Silva
Timor-Leste

Senhoras e Senhores,
Amigos da Paz e da Justiça!

Em primeiro lugar, desejo apresentar os meus agradecimentos ao Instituto Nova Zelândia-Asia da Universidade de Auckland e à OXFAM por me permitirem dirigir a esta distinta plateia e abordar uma questão que afecta tão profundamente a vida de uma pequena nação, a vida do Povo de Timor-Leste, o meu Povo, que busca a paz há 23 anos. Ainda que não me seja permitido estar fisicamente convosco, estou convosco em espírito.

Democratização e a Verdadeira Paz
Neste momento decisivo na história de Timor-Leste, e na da Indonésia, o Povo de Timor-Leste partilha de profunda esperança de que o processo de reformas na Indonésia venha a resultar numa verdadeira democratização onde a justiça prevaleça sobre a repressão. Só então podemos estar todos libertos da força da perseguição e da constante intimidação, e dar o devido valor ao conceito de Direito, em plena consciência individual e na interacção com outros.

Temos sido impedidos, tal como tantos na Indonésia, de exercer o direito de viver em paz enquanto nação e Povo. Temos sido impedidos de exercer o direito de agir livremente. Pelo contrário, fomos sujeitos a um terrível reinado de violência e de crime militares. Assim, qual é o nosso anseio? Senhoras e Senhores - nós ansiamos a Paz.

A verdadeira Paz é a Paz de espírito. A paz de espírito só pode florir quando a repressão e o medo deixam de ameaçar e quando a lei prevalece sobre a acção de governos. O processo de reforma em curso na Indonésia terá de incluir esta dimensão e devolver a Paz interior aos corações dos indonésios e dos timorenses.

A Paz de espírito exige novas abordagens na procura de uma solução para a questão de Timor-Leste. O crescente espírito de reforma na Indonésia, também deve ser encaminhado e abranger a questão de Timor-Leste. O novo governo indonésio deve dar mostras não apenas de uma mudança de direcção mas de uma verdadeira mudança na velha arrogância, mentiras, corrupção e uso de força. A Paz não é apenas política, também é espiritual.

Senhoras e Senhores,

O Momento é dos Resistentes

Desde aquele dia terrível em Dezembro de 1975, o Povo de Timor-Leste compreendeu que enfrentava um vizinho poderoso armado por amigos poderosos. Apesar do enorme desequilíbrio de forças, a confiança na nossa capacidade de resistir sozinhos foi fortalecida pela convicção de que o regime colonial de Suharto iria um dia sucumbir às leis naturais da evolução. A História afirmava-o, e por isso, a nossa palavra de ordem "Resistir é Vencer!" tornou-se também a nossa convicção. O tempo jogava a nosso favor.

Entretanto, em Jacarta, Suharto convencia-se de que o tempo jogava a SEU favor, porque todo o aparelho de terror e o dinheiro para a corrupção - as únicas armas que conhecia - estavam nas suas mãos. A consciência e a força moral de um Povo eram factores que o Presidente Suharto não compreendia. Afortunadamente, nestes 6 últimos meses são a consciência e a força moral dos próprios indonésios que vêm ao nosso encontro. Parece que o tempo joga a NOSSO favor.

A Mudança aproxima-se

É do conhecimento geral que a ocupação de Timor-Leste tem sido, e continua a ser, extremamente lucrativa para alguns membros da família Suharto e alguns generais indonésios. O lucro tem sido substancial. No entanto, os custos também sao substanciais e, com a crise económica, tornam-se um verdadeiro fardo. Analistas militares estimam que são gastos anualmente em Timor-Leste mais de meio bilião de dólares em despesas militares directas. A Indonésia já se apercebeu da necessidade de conter as despesas e de salvar a face. Então qual é a sua estratégia?

Autonomia ou Independência?

O governo indonésio oferece uma autonomia "alargada" a Timor-Leste enquanto parte integrante da sua estratégia de descentralização para as províncias. Tal posição poderia ser encarada como uma importante concessão do novo governo, no entanto, tal autonomia só é aceitável enquanto fase de transição no caminho para um referendo e não enquanto uma solução final. Deve-se acrescentar que não deve implicar o reconhecimento da anexação ilegal de Timor-Leste pela Indonésia em 1976. Não deve pressupor a soberania da Indonésia. O direito do Povo de Timor-Leste à autodeterminação permanece. Não é negociável. Tem de ser exercido - e em breve.

Em declarações recentes, Ali Alatas apresentou esta proposta de "autonomia" como a solução para o conflito. Será que abandonou a sua anterior arrogante exigência de que a "integração é algo que não se discute"? Será que a substituiu pela igualmente arrogante exigência de que a autonomia é a única opção debatível? Será este o caminho para a contenção de despesas e para salvar a face?

Um tal conceito de autonomia soa a concessão por parte de uma potência soberana que se permite devolver algum poder a uma das suas componentes. É uma premissa totalmente falsa. Timor-Leste foi anexado militarmente pela Indonésia e não faz parte da Indonésia. O pseudo-acto de legalização da integração realizado em Maio de 1976 numa pequena área do território ocupado de Timor-Leste, decorreu no exacto momento em que a maioria de nós lutava contra a integração, tal como continuamos a lutar ainda hoje. A Indonésia não é senão o invasor! Tal como o Iraque o foi no Kuwait. O Povo de Timor-Leste continua a aguardar e a exigir uma oportunidade de escolher o seu próprio futuro político. Se o Sr. Alatas fosse sincero relativamente às reformas e à devolução do poder ao povo, ele não falaria em nome dos timorenses, permitiria sim que estes falassem por si próprios.

Negociações

O diálogo deve ser aberto e franco, orientado para a possibilidade de alcançar compromissos que satisfaçam todas as partes. O comunicado conjunto de 5 de Agosto de 1998, assinado

pelas das Nações Unidas, Portugal e a Indonésia no final da recente ronda ministerial em Nova Iorque, revela alguns passos importantes dados nesta direcção.

Saúdo a abertura da "secções de interesse especiais" que permitirão a presença de um diplomata português na Indonésia e vice-versa. O governo indonésio não se opôs, como havia feito no passado, a que o Secretário Geral das Nações Unidas, consultasse os dirigentes timorenses directamente. Estes são pequenos passos em frente.

Outro ponto importante do debate foi o Diálogo Intra-Timorense previsto para Outubro próximo. A Indonésia já não está em posição de proibir a discussão em torno do estatuto político do território, que é, na realidade, a essência do problema. Para além desta questão central, a Indonésia deve deixar de reclamar que os participantes no Diálogo provenientes do interior são pró-integração - não são - e que os timorenses vindos do exterior são anti-integração. O número de participantes no Diálogo deve ser superior e mais representativo dos timorenses que vivem no território. A voz do Povo de Timor-Leste ainda não foi ouvida. E a voz dos jovens deve igualmente ser escutada pois sao eles os porta-vozes das aspiraçoes do Povo. Pensamos que é um grupo que deve ser consultado pelo Embaixador Jamsheed Marker, Representante Pessoal de Kofi Annan, Secretário geral das Nações Unidas.

Referendo

Não existe solução para a questão de Timor-Leste sem um referendo. Será que não é óbvio? Exigimos aquilo que é um direito nosso - um direito que nos foi negado durante 23 anos pelo mundo - e exigimo-lo com veemência. Foi por esse direito que foram mortos 200.000 irmãos e irmãs timorenses. A Indonésia invadiu a nossa Pátria. A Indonésia deve retirar incondicionalmente. Logo que o faça, poderemos iniciar a construçao de um novo Timor-Leste.

Quando a Indonésia retirar, tal como estão legalmente obrigados a fazer, será realizado o referendo. Iremos realizar o referendo para mostrar ao mundo, e em particular aos indonésios, a força da nossa unidade e a intensidade do nosso desejo de ser Timorenses. Mas o referendo deve ser realizado num futuro não muito longínquo, tal como o exige a nossa juventude.

Aumento da presença militar em Timor-Leste

O Sr. Alatas referiu a redução da presença militar indonésia em Timor-Leste enquanto um gesto conciliador a anteceder a última ronda ministerial. Em Agosto, foram transportados jornalistas até Díli, pelo governo indonésio, para observar e filmar a retirada de 1.000 soldados - mais tarde o número foi reduzido para 400 - e o seu embarque de regresso à Indonésia. As imagens foram transmitidas pela televisão e referidas como sendo o início de um amplo programa de redução de tropas, como afirmou o Sr. Alatas. Senhoras e Senhores, não acreditem. Trata-se de uma falsidade que segue a mesma linha de tantas outras afirmadas pela Indonésia desde 1980. A realidade é outra. Desde esse dia já reentraram 3.500 soldados. Não foi convidado qualquer 'cameraman' para filmar a chegada pois desembarcaram secretamente em portos militares em Viqueque, Com e Carabelo, perto de Vemasse. O mundo não deve duvidar que as concessões permitidas a Aceh e aos estudantes em Jacarta não tiveram correspondente em Timor-Leste. A luta continua neste momento, tal como continua a repressão e a tortura. Os timorenses não têm Paz - nem física nem espiritual. Não houve qualquer cedência por parte da Indonésia, não houve qualquer concessão tangível. A luta continua, mas necessitamos, mais do que nunca neste momento decisivo da nossa história, da influência e peso do mundo democrático liberal.

A sobrevivência de um pequeno país

Alguns de vós poderão questionar-se sobre como é que um pequeno território como Timor-Leste pode sobreviver como estado independente com um vizinho tão poderoso como a Indonésia. A Nova Zelândia surge-me como um óptimo exemplo de como é possível. Ao longo dos anos, o vosso país cresceu para tornar-se na maior potência do Pacífico Sul.

Os timorenses podem aprender muito com a vossa experiência. O 'know-how' técnico da Nova Zelândia e a sua sensibilidade para com os povos autóctones, atribuem-lhe um papel chave na contribuição e assistência à reconstrução e desenvolvimento de Timor-Leste. O vosso país já demonstrou o seu empenhamento pela Paz e a harmonia entre as nações da região ao mediar o Acordo de Paz de Bougainville.

Por estas razoes, e porque o vosso país não é percepcionado como detentor de interesse particular no conflito, creio que a Nova Zelândia encontra-se bem posicionada para desempenhar um papel decisivo de pacificador no processo negocial que se aproxima. Convidamos a Nova Zelândia a fazê-lo. E convidamos, igualmente, as empresas neo-zelandesas a participar na exploração dos nossos recursos naturais e a canalizar os seus conhecimentos para o desenvolvimento de serviços e na formação de quadros tão necessários à gigantesca tarefa de construção da nossa nação num futuro que já visível.

Timor-Leste independente
Para melhor visualizarem a pequena mas independente República de Timor-Leste, permitam-me que apresente cinco ideias.

Primeiro, Timor-Leste manterá relaçoes amigáveis com os seus vizinhos. Enquanto membro das Nações Unidas, daremos particular ênfase à amizade regional e apresentaremos candidatura a membro da ASEAN e do Forum do Pacífico Sul. Iremos desenvolver particularmente, fortes laços com a Nova Zelândia democrática e com a Austrália. Os países de língua portuguesa, como o Brasil, Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Sao Tomé e Princípe e Portugal serão sempre os nosso vizinhos culturais.

Segundo, Timor-Leste será um país democrático. Tal significa uma verdadeira democracia, baseada no multi-partidarismo e não uma democracia de partido único. Subjacente a este sistema democrático, e enquanto seu elemento essencial, estará o poder judicial independente do governo.

Terceiro, Timor-Leste será um país promotor da Paz. Timor-Leste não disporá de um exército, seus cidadãos que, durante anos, foram divididos pela força do exército indonésio.

Quarto, Timor-Leste será um país em desenvolvimento que orientará a sua acção de desenvolvimento para os recursos minerais e petrolíferos, para a agricultura e silvicultura, pecuária e, não menos importante, o turismo.

Quinto, Timor-Leste será um país que se preocupa com o seu Povo e assegurará que a sua voz será ouvida. O seu povo terá direito à educação, ser-lhe-á restituído o direito à saúde, e asseguraremos a criação de emprego e de meios de subsistência para aqueles que trabalham a terra. Será valorizada a vivência cultural quotidiana, a multiplicidade linguística voltará a ser uma realidade entre o nosso Povo, o verdadeiro guardião da cultura.

Conclusões
Senhoras e Senhores,
Amigos da Paz e da Justiça,

O tempo tem jogado a nosso favor. Contudo, o preço em vidas, miséria e pobreza foi elevadíssimo. O tempo continuará a jogar a nosso favor, mesmo que tal signifique continuar a

suportar o sofrimento durante mais algum tempo. A brutalidade armada não consegue destruir o nosso espírito ou o sentimento de identidade timorense. E este sentimento não se encontra à venda. Por isso, peço que reflictam sobre a nossa visão de Timor-Leste e as nossas propostas de solução para a Paz e, se o vosso coração assim o indicar, lutem ao nosso lado para nos ajudarem a concretizá-las.

Obrigado.

Kay Rala Xanana Gusmão
Presidente Conselho Nacional de Resistência Timorense (CNRT)
9 Setembro 1998